

# PSICANÁLISE, LITERATURA E HOMOEROTISMO: UM DEBATE A PARTIR DA OBRA *AMIGA GENIAL*, DE ELENA FERRANTE

## *PSYCHOANALYSIS, LITERATURE AND HOMOEROTICISM: A DEBATE BASED ON THE NOVEL MY BRILLIANT FRIEND BY ELENA FERRANTE*

Cássio Jardim Nogueira Cobra<sup>i</sup>

Gabriel Carvalho Franco<sup>ii</sup>

Camila Nogueira de Sá Boaventura<sup>iii</sup>

**Resumo:** Desde Freud a psicanálise mantém uma íntima relação com a literatura, não apenas como objeto de análise, mas como instância precursora e legitimadora deste campo científico. Nesse sentido, o presente artigo busca investigar e compreender algumas afinidades existentes entre a linguagem literária e psicanalítica, com enfoque no aspecto homoerótico e para isso realiza uma análise da obra *Amiga Genial* (2011), da escritora contemporânea Elena Ferrante. Trata-se de uma revisão de literatura de obras e autores fundamentais da psicanálise como Freud e Lacan, através de uma pesquisa qualitativa de análise documental. Como corolário, a obra de Ferrante permite dialogar com as teorias psicanalíticas e demonstrar as profundas concordâncias com a literatura acerca de temas como a condição humana, desejo, amor, angústia e sexualidade.

**Palavras-chave:** Desejo; Literatura; Psicanálise; Homoerotismo.

**Abstract:** *Since Freud, psychoanalysis has maintained an intimate relationship with literature, not only as an object of analysis, but as a precursor and legitimizing instance of this scientific field. In this sense, this article seeks to investigate and understand some existing affinities between literary and psychoanalytic language, with a focus on the homoerotic aspect and, for that, it performs an analysis of the work My Brilliant Friend (2011), by the contemporary writer Elena Ferrante. This is a literature review of fundamental works and authors of psychoanalysis such as Freud and Lacan, through a qualitative research of documental analysis. As a corollary, Ferrante's work allows a dialogue with psychoanalytic theories and demonstrates the profound agreements with the literature on themes such as the human condition, desire, love, anguish and sexuality.*

**Keywords:** *Desire; Literature; Psychoanalysis; Homoeroticism.*

Submetido em: 14 mai. 2023

Aprovado em: 26 jun. 2023

---

<sup>i</sup> Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). E-mail: cassio.cobra@outlook.com.

<sup>ii</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF). E-mail: gabriel franco.psicologia@gmail.com.

<sup>iii</sup> Psicóloga, Mestre em Desenvolvimento Humano pela Universidade de Taubaté (UNITAU). E-mail: canogueira1211@gmail.com.

## Introdução

Este artigo se propõe a explorar as profundas relações e afinidades existentes entre psicanálise e literatura, a partir de uma obra da escritora contemporânea que assina pelo pseudônimo de Elena Ferrante. O livro selecionado, *Amiga Genial*, é o primeiro volume de sua Tetralogia Napolitana, atravessado sutilmente pelo homoerotismo, com destaque ao especial processo de subjetivação e construção de identidade das personagens, que conjuga memória, corpo e infância. Trata-se o objetivo deste estudo, de repetir, em partes, o esforço metodológico de Freud, ao conectar sua teoria com outros campos do saber, incluindo notáveis produções de sua época, célebres personagens e autores clássicos, prática que estendeu como recomendação aos seus seguidores, o "Psicanalista deve ser conhecedor de literatura, filosofia e mitologia" (Freud, 1926, p. 278).

Brunetto (2013) destacou que Freud e Lacan, os principais autores que serão aqui estudados, usaram da literatura para mostrar o inconsciente, a castração, o amor e o feminino e ainda, para revelar que o homem é *sicut palea*, isto é, aquilo que Lacan (1973/2003) dizia ser a essência do homem: nada, abjeto, estrume, e desse vazio, o ser de desejo pode surgir. Nesse sentido é que a literatura ocupa seu papel, ao nos mostrar um mundo de desejos incandescentes que subsiste entre a vida injusta que vivemos (Llosa 2004), e contribui para psicanálise, pois a antecede e permanecerá mesmo se esta vier a fracassar (Brunetto, 2013).

Por fim, na obra selecionada *Amiga Genial*, embora não apareça em primeiro plano, a temática *queer* ocupa o lugar de substrato para a narrativa, que versa sobre infância, amadurecimento e memórias das personagens num bairro italiano de Nápoles, um microcosmo pulsante, onde "os corpos se chocam o tempo inteiro com violência, prazer, resistência e desespero" (Cirne, 2019). Em suma, a obra aborda temas profundamente humanos e complexos, que serão contemplados em três tópicos, a saber, "Fronteiras entre literatura e inconsciente", "Breve resenha de *Amiga Genial*" e "A narrativa homoerótica de Elena Ferrante sob o olhar psicanalítico".

## Fronteiras entre Literatura e Inconsciente

Neste tópico será abordada a interface entre literatura e psicanálise, que aparece desde Freud, que mesmo sem os recursos da linguística, que seria explorada posteriormente por Lacan, já concebia o inconsciente em termos de linguagem (Castro, 2009). Disto segue que as formações do inconsciente como o sonho e o chiste, apresentadas por Freud na *Interpretação*

*dos Sonhos* (1900), assim como os sintomas neuróticos, são articulações envolvendo significantes; o ato falho, por exemplo, é apontado como um lapso de linguagem (Freud, 1916/2014). No mesmo sentido, Aires (2017) sugere que a técnica freudiana, o método de investigação e interpretação, pode ser compreendido como um procedimento de linguagem, no sentido Foucaultiano (2006), que envolve o sentido como intenção e supõe a operação do recalque.

De se observar que a noção de inconsciente proposta por Freud não deve ser confundida com perda de memória, mas é, na definição de Lacan “não se lembrar do que se sabe” (2001, p. 333). A matéria-prima do inconsciente, por sua vez, são os conteúdos reprimidos (*Vorstellungsrepräsentanz*), que Lacan traduz como representantes da representação, isto é, equivalentes à noção e ao termo de significante (Lacan, 1958/59). Dessa forma, os elementos do inconsciente, como desejo e imagem, normalmente encontram expressão verbal (Castro, 2009). Assim sendo, Lacan formulou, “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (1981, p. 135), que constitui segundo o próprio autor, um pleonasma, porque a linguagem é em si, a própria estrutura (Lacan, 2001).

Tal concepção faz eco aos postulados do filósofo Ernst Cassirer, que propõe uma definição de homem não como *animal rationale*, termo que, segundo ele, não compreende as variadas e ricas formas da vida cultural, mas *animal symbolicum* (Cassirer, 2001), pois é a rede simbólica que designa o emaranhado da experiência humana e abre o caminho para a civilização. Ainda segundo o autor, a linguagem não exprime pensamentos ou ideias, mas sentimentos e afetos (Cassirer, 2001), assim como Thomaz (1996) afirmou que discursar implica um processo interminável de transformar continuamente o discurso à passagem das emoções. Ainda reforça que os atos falhos, isto é, os enganos, ou esquecimentos aparentemente inocentes são equívocos do discurso, que acontecem com muito mais frequência no nível da oratória (Thomaz, 1996).

Na linguagem escrita, os símbolos grafados são mais duradouros, símbolos estes que são palavras dotadas da qualidade de representação e deciframento das emoções, e “possivelmente, uma espécie de reservatório codificado da memória” (Thomaz, 1996, p. 375), no sentido dado por Freud de que “a escrita é a voz do ausente” (1930/2010), e o leitor é, em certo sentido, copartícipe e intérprete desse discurso. A função dos registros do inconsciente, portanto, é produzir discursos dos quais a literatura e a psicanálise são “parasitas e exegetas” (Thomaz, 1996, p. 378).

Nesse contexto, Rouanet (1996) aponta que Freud sempre teve um interesse especial pela literatura, apregoando a interdependência dela com a sua teoria psicanalítica. “Para ele [Freud], nem o psicólogo pode evitar o escritor, nem este, aquele: um texto científico deve ser bem escrito, e um escritor pode tratar de um tema psicológico sem qualquer perda de qualidade literária.” (Rouanet, 1996, p. 535). Essa inter-relação entre psicanálise e literatura vem do fato de que ambas lidam com os mesmos materiais e chegam aos mesmos resultados, embora por caminhos diferentes. (Rouanet, 1996).

O escritor elabora esteticamente os fenômenos inconscientes de sua mente, em vez de reprimi-los pela censura, criando uma obra de arte, ou seja, ele aprende partindo de si mesmo, enquanto o analista aprende a partir do estudo do psiquismo do outro (Rouanet, 1996). Trata-se de uma incursão ao campo da arte, que pertence a um “reino intermediário” (Freud, 1913), uma instância de passagem entre a realidade, que nega o desejo e o mundo da fantasia, que realiza (Rouanet, 1996). De se observar que, o artista, assim como neurótico, foge da realidade para a fantasia, mas ao contrário deste, aquele encontra seu caminho de volta, produzindo uma obra socialmente relevante e permitindo a leitores e espectadores viverem suas próprias fantasias, consolando-os pela frustração de seus desejos (Rouanet, 1996).

Para Lacan (1985), a arte permite uma amarração simbólica e imaginária, enquanto o desejo é a articulação simbólica com o real, e introduz a estrutura do desejo pela via da poesia. O sintoma é metáfora, o desejo é metonímia (Lacan, 1958), estes representam, respectivamente, os mecanismos de condensação (sobreimposição de significantes) e deslocamento (substituição de um significante por outro), propostos por Freud (1900). Ainda segundo Lacan, o desejo é estruturado pela linguagem, e é só a partir dela (do significante), que o desejo pode surgir, porém não se inscreve todo na linguagem, escapa ao sujeito, se situa na dependência da demanda, que por se articular em significantes, deixa um resto metonímico, este elemento (desejo) é indeterminado, uma condição ao mesmo tempo absoluta e impegável, necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, desconhecido. (Lacan, 1985/1964).

Dentro desse “reino intermediário”, Rouanet (1996) vai dizer que a literatura constitui um domínio particularmente importante, uma vez que a própria fantasia sobre a qual se constrói a obra literária tem a estrutura de uma narrativa, cujo personagem principal, em última análise, é “sua Majestade o Ego”. (Freud, 1907). Disto segue que a literatura aparece na obra de Freud em vários registros, dentre alguns autores e obras, ele cita desde as tragédias gregas, às modernas como de Shakespeare, Milton e Flaubert, eminentes escritores alemães como Heinrich Heine, E. T. W. Hoffman, Jean-Paul Richter, Wilhelm Jensen, Thomas

Mann, Rainer Maria Rilke, Friedrich Schiller, e por fim, aquele que tanto o inspirou, Goethe (Alberti, 2007).

A obra literária é, portanto, objeto a ser interpretado, sendo possível estabelecer uma analogia entre literatura e sonho, ou fantasia, de modo que as obras literárias afloram nas narrativas dos pacientes quando se deixam levar por processos associativos, configurando material clínico significativo para o analista (Rouanet, 1996). Nesse sentido, Freud muitas vezes vê os escritores como precursores ou os mobilizam para confirmar suas próprias descobertas, mostrando que por mais estranhas que pareçam as teses psicanalíticas, os grandes escritores do passado já as haviam antecipado, assim como Brunetto (2013) afirma que o artista antecipa o psicanalista, de modo que a literatura se torna aliada da psicanálise como instância legitimadora (Rouanet, 1996).

Embora exista grande proximidade entre as duas áreas, “por exemplo, é possível que tudo o que pode ser descoberto pela psicanálise tenha sido compreendido por Shakespeare” (Winnicott, 1945, p. 31). Winnicott destaca que “a psicologia não reivindica a prioridade em relação ao entendimento da natureza humana, exceto num aspecto: na transformação deste estudo numa ciência” (1945, p. 31). Nesse sentido, ele conclui que a psicologia como ciência se justifica se nos permite falar menos insensatamente sobre a condição humana, tal como Shakespeare (Winnicott, 1945). Da mesma forma, por mais que a literatura dê acesso à verdade psíquica, sua função não é cognitiva, não se trata de saber se as intuições dos escritores são válidas à luz da ciência, mas antes, trata-se de saber se a ciência convencional é válida à luz dos resultados obtidos pela literatura (Freud, 1907).

Carneiro (1996) nota ainda que Freud compara a organização do inconsciente com a de certos sistemas de signo, por exemplo, o alfabeto e os hieróglifos (Freud, 1972), fazendo analogias engenhosas entre a atividade do inconsciente e a do poeta ou escritor. Com seu talento literário Freud foi consagrado com o prêmio Goethe em 1930, que ele descreveu como o clímax de sua vida como cidadão (Freud, 1976). Segundo Carneiro (1996), a psicanálise antecipou algumas descobertas da linguística, ao apontar que há uma ambiguidade latente em todo discurso, especialmente no discurso poético, tal como escreveu Drummond, “Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra” (Andrade, 1964, p. 139). Assim como são ambíguos os próprios interlocutores, como diz Pessoa “tantos sem se entenderem, e todos certos” (2006, p. 131).

Disto segue que nas formações do inconsciente há uma espécie de compromisso entre o desejo e a censura, segundo o qual um significante reprimido encontra meios de vir à tona, ao se associar de forma cifrada a outros significantes (Castro, 2009). Nesse sentido, na

*Interpretação dos Sonhos*, Freud se refere ao sonho como um texto e a elaboração onírica como um processo de transformação do conteúdo latente (prosa convencional) no texto do conteúdo manifesto (poético). Considerando o sonho como um “provérbio” (Lacan, 1996), cada elemento representa uma sílaba ou palavra, que por sua vez, ao serem agrupadas “podem formar uma frase poética da maior beleza e significado” (Freud, 1972, p. 296).

Por fim, Lacan observa uma estrutura comum no sintoma e no sonho que põe em jogo a relação do homem com a linguagem, no sentido de que o gesto humano está mais para o lado da linguagem do que da manifestação motora (Lacan, 1975). Quando o indivíduo entra no campo simbólico, ele já está imerso em uma rede (da lei e da linguagem) que preexiste e subsistirá a ele (Lacan, 1966), a ponto de ele afirmar “O homem não pensa com sua alma, como imagina o Filósofo. Ele pensa com uma estrutura, a da linguagem” (Lacan, 2001, p. 512). Disto segue que nos fenômenos mencionados, como lapso, uma mensagem que está tentando ser transmitida é interrompida bruscamente por outra, vinda do inconsciente, que age como o grande Outro, que nos habita, como um estrangeiro no próprio coração (Lacan, 1986).

### **Breve resenha de *Amiga Genial***

A obra selecionada *Amiga Genial*, lançada em 2011, compõe o primeiro volume da Tetralogia Napolitana da autora italiana, cuja identidade é desconhecida, referida apenas pela alcunha de Elena Ferrante. Trata-se de um fenômeno literário mundial, tendo vendido mais de 16 milhões de livros, traduzidos para mais de 48 países (UOL, 2022), sucesso de críticas, cujas obras ganharam adaptação para o cinema e televisão em séries e filmes, sendo a mais recente “A vida mentirosa dos adultos“, serializada pela Netflix em 2022, que nas palavras da própria autora, em sua coluna no *The Guardian*, “Não tenho nada contra o entretenimento, se ele me permitir permanecer Ninguém e continuar sendo apenas texto” (The Guardian, 2022).

*Amiga Genial* acompanha a história de duas personagens, Rafaella Cerullo (Lina ou Lila) e a narradora-protagonista, Elena Greco (Lenu ou Lena), que nos introduz em seu universo, centrado num bairro periférico de Nápoles, nos anos 1950. A narrativa transcorre durante a infância e adolescência das personagens, até meados dos anos 2000, cuja trajetória é caótica e vertiginosa, revelando as vicissitudes de ser mulher no século XX e debatendo questões como fascismo, misoginia e a luta pela liberdade. Trata-se de um romance de formação (*coming-of-age*) que vai se construindo a partir da relação de amizade entre as personagens, inseridas num contexto avesso aos seus ideais, entre famílias conturbadas, violência, pobreza e relações de poder (Ferrante, 2011).

A temática *queer* se insinua de modo muito sutil, a ponto de perpassar a obra sem que o leitor a perceba em meio aos acontecimentos turbulentos da narrativa, embora se evidencie em algumas passagens, sobretudo quando o relacionamento das duas protagonistas é colocado em xeque. Essa amizade tem início na infância, e logo fica claro as personalidades opostas da dupla, Elena é afável, simpática, responsável, dedicada ao estudo, obediente e introvertida; Rafaella é hostil, malvada, corajosa, extrovertida, violenta e irresponsável (Ferrante, 2011).

Ambas compartilham da condição e da realidade atroz do subúrbio de Nápoles, as relações conturbadas com suas famílias, as cenas diárias de violência, machismo e injustiças sociais após a Segunda Guerra Mundial, como Lenu escreveu “parecia que sempre estávamos indo ao encontro de algo terrível, que mesmo existindo antes de nós, era a nós e sempre a nós que aguardava” (Ferrante, 2011, p. 14), que pode ser identificado com o grande Outro lacaniano, a cadeia de significantes que constitui a realidade, incluindo a linguagem e a cultura, que nos precede e no qual somos introduzidos ao nascer. (Lacan, 1981). É deste Outro, que a anatomia recebe por meio das normas sociais heteronormativas e patriarcais da época, um ordenamento cultural de como se portar na sociedade e na relação com o outro, como homem e como mulher (Quinet, 2013). Como na obra, os pais de Lila obrigam seu filho mais velho, Rino, a trabalhar na sapataria do pai como um "escravo", enquanto privam Lila dos estudos e de ajudar na loja, relegando a ela o trabalho doméstico, com a mãe (Ferrante, 2011).

Os diversos personagens dessa trama são apresentados através do ponto de vista de Lenu, que se volta o tempo todo para a sua amiga de forma quase obsessiva, pois submete a leitura de sua vida à realidade, conquistas e dramas de Lila, desenrolando uma amálgama de sentimentos ambivalentes que incluem amor, ódio, compaixão, raiva, concorrência e admiração. Enquanto Lenu se esforça para se destacar na escola, Lila o faz com absurda facilidade, pois demonstra precocemente aptidões extraordinárias e altas habilidades, apesar de seu jeito selvagem, debochado e sarcástico, que despertam aversão dos colegas e professores e uma atração irresistível em Lenu. Ambas recorrem aos sonhos para escapar da dura realidade em que vivem, fazendo planos para o futuro, como escrever um livro juntas, alcançar riqueza e status, para não terminarem como suas mães, pobres, infelizes e cansadas, sobretudo a mãe de Lenu, descrita por esta como manca, claudicante, estrábica e de quem ninguém gosta (Ferrante, 2011).

A relação entre as personagens aparenta ser tóxica, pois a narradora estabelece uma hierarquia, onde reconhece “a superioridade de Lila em tudo, inclusive em seus abusos” (Ferrante, 2011, p. 24), enquanto, simultaneamente espera pelo reconhecimento e afeto dela,

como na passagem em que admite que as coisas que fazia sozinha não eram capazes de disparar seu coração, apenas aquilo que Lila tocava se tornava importante e digno de interesse (Ferrante, 2011). Mesmo impelida por uma forte necessidade de procurar Lila e falar daquilo que a entusiasmava, desistia por temer que ela lhe dissesse algo amargo e mostrasse que seus interesses são inúteis e sua vida é esquálida (Ferrante, 2011). Lenu afirma que sua paixão só crescia ao calor da de Lila, temia que se perdesse partes da vida da amiga, a sua perderia a intensidade e centralidade e ao mesmo tempo resignava-se e tinha a sensação permanente de insuficiência e vergonha por sempre recorrer a Lila e deixar que a superasse (Ferrante, 2011).

Nesse contexto, o amadurecimento e as transformações corporais de ambas causam impactos em suas relações consigo mesmas e com os outros, como Lenu descreve, que se olhava nua no espelho e não sabia mais quem era, sentia estar “à mercê de forças obscuras” (Ferrante, 2011, p. 48), que agiam dentro do seu corpo e estava sempre em ânsia, ao mesmo tempo percebia a força de atração de seu corpo sobre os meninos, sobretudo pelos seus seios grandes e porque começou a menstruar cedo. Enquanto isso, o desenvolvimento de Lila, embora mais tardio, tinha um efeito arrasador sobre todos, especialmente sobre Lenu, que descreve como se ela estivesse segregando “um fluido que não era simplesmente sedutor, mas até perigoso” (Ferrante, 2011, p. 80).

Sua devoção por Lila se mostra evidente em diversas passagens, nas quais Lenu prefere as trocas e encontros com a amiga do que as demais atividades, o amor e atenção dos meninos, pois lhe dava um “prazer tão intenso”, que a fazia querer dedicar-se inteiramente a ela (Ferrante, 2011). Em outra passagem, a narradora afirma “Ninguém nos compreendia, só nós duas – pensávamos – nos entendíamos” (Ferrante, 2011, p. 65), havia coisas que somente juntas eram capazes de fazer e revela que por uma reaproximação com Lila, seria capaz de fazer absolutamente qualquer coisa (Ferrante, 2011). Lenu admite ainda que estudava não tanto para a escola, mas para Lila, ficava extremamente feliz com qualquer demonstração de afeto, se arrebatava quando ela lhe falava, ou quando a defendia, inclusive de forma agressiva, como quando ameaçou um menino de tocá-la, com o seu trinchete, e se sentia triste quando Lila preferia outras coisas, ou quando algum menino demonstrava interesse na amiga, enfim porque seria cada vez menos necessária para ela (Ferrante, 2011).

Nesse campo, entra em jogo uma dinâmica paradoxal entre as personagens, assim expressa por Lenu, “como se por uma magia malévola, a alegria de uma implicasse a dor ou alegria da outra” (Ferrante, 2011, p. 147), suspeitando que até o aspecto físico participava dessa gangorra e que aquilo que lhe faltava, Lila possuía de sobra, num jogo em que se tornavam indispensáveis uma à outra (Ferrante, 2011). Nesse contexto, observa-se a



coexistência de forças opostas personificadas pelas personagens, que exercem forças de atração e repulsão uma sobre a outra, como uma verdadeira ambivalência, termo cunhado por Eugene Bleuler em *Vortrag über Ambivalenz* (1910), e ressignificado por Sigmund Freud (1913) a partir da questão da morte e do luto, propondo que por trás do terno amor pela pessoa falecida, existe uma hostilidade inconsciente e esse seria o protótipo da ambivalência das emoções humanas.

Contudo, aos poucos ambas passam a habitar mundos diversos devido ao desenrolar de acontecimentos decisivos, como os estudos de Lenu, incentivados a contragosto por seus pais, que a levaram ao liceu, com uma miserável experiência amorosa, enquanto Lila ficara noiva de Stefano, um dos rapazes mais ricos do bairro e se encontrava aparentemente apaixonada e feliz, e quanto mais seu casamento se aproximava, mais Lenu se sentia desolada, insignificante, “uma sombra” (Ferrante, 2011, p. 159). Mesmo quando esta se via envolvida em um namoro, sem qualquer afeto significativo, se perguntava se Lila fazia as mesmas coisas (sexuais) com seu noivo (Ferrante, 2011). Um acontecimento que também marcou a vida de Lenu foi o abuso que sofreu de Donatto Sarratore, pai de sua paixão de infância, Nino, que lhe causou emoções fortes, prazer, angústia, ódio, asco, náusea e desgosto, e em certa altura foi valorizada apenas por se tratar de uma experiência distinta, que Lila não teria nada semelhante a relatar (Ferrante, 2011).

Perto do final da história, num curto diálogo em que Lenu pergunta se sua amiga amava o noivo, esta responde, “muitíssimo... mais que todos, mas não mais do que você” (Ferrante, 2011, p. 163) e em outro momento, a protagonista reafirma que a autoridade que continuava a atribuir a Lila era o que lhe dava forças, por exemplo, para enfrentar seu professor de religião (Ferrante, 2011). Numa das cenas finais, no dia do casamento, Lila a descreve como sua amiga genial, que “precisa se tornar a melhor de todos, homens e mulheres” (Ferrante, 2011, p. 180), e logo em seguida se despe pela primeira vez na frente de Lenu que, desconcertada, sente prazer em contemplar o corpo da amiga, antes que o noivo a penetrasse e deformasse, e enquanto a lavava, sente um misto de emoções e desejos, querendo abraçá-la, chorar com ela, beijá-la, puxar seus cabelos, rir e ter um momento de intimidade, que logo foram substituídos pelo pensamento de que a estava purificando apenas para que Stefano a conspurcasse e que o único remédio para essa dor seria se o seu atual namorado fizesse o mesmo com ela, na mesma hora, culminando com sua solidão amargurada durante o casamento, tentando transferir para Nino seu afeto suprimido, terminando assim a obra (Ferrante, 2011).

### **A narrativa homoerótica de Elena Ferrante sob o olhar psicanalítico**

Nesse volume, é possível perceber a construção das identidades das personagens, que é sempre também sexual (Tausk, 1976), e estão profundamente atreladas de forma simbiótica, se sobrepondo, colidindo e fundindo (Gonçalves; Lobato, 2022), tentando emergir uma identidade feminina dentro de um mundo violento e patriarcal (Gonçalves; Lobato, 2022). Lenu vislumbra em Lila o vetor máximo da potência feminina, retratando-a como seu *alter ego*, cativante, sedutora, criativa, “terrível e fulgurante” (Ferrante, 2011, p. 39), mas também ameaçadora, imprevisível, inconstante e manipuladora.

Todavia, Lila experimenta momentos perturbadores de despersonalização, que ela própria denominou “desmarginação” (*smarginatura*), como se o contorno das pessoas e coisas e a própria realidade estivesse sendo destruída ou violada, sobretudo num episódio na noite de Ano Novo (Ferrante, 2011, p. 99). Tal experiência representa a ameaça de fragmentação de si mesmo e dissolução da identidade diante do Outro, enquanto Lila tenta “achar, dentro da gaiola em que se fechara, uma maneira de ser toda sua, mas que ainda lhe era obscura” (Ferrante, 2011, p. 170), que a coloca sempre atenta às margens, e desperta uma necessidade de controle, manipulando tudo e todos para cumprir sua vontade, enquanto Lenu persegue seu rastro (Cirne, 2019). Tal experiência é comparada por Secches à do *unheimliche* de Freud (1919), que pode ser traduzido como “infamiliar”, ou “inquietante”, isto é, um estado de impermanência e metamorfose (2019), até o ponto de desaparecer, como sucedeu a Lila, fato que Lenu descobre logo no início do livro e que a motiva a registrar essas memórias, no sentido foucaultiano de que, “no ato da escrita, o acontecimento é uma enunciação produzida mediante o que a memória tornou possível dizer” (Foucault, 1985, p. 80).

Em paralelo com a psicanálise, no ensaio de Freud de 1920, *Psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher*, embora carregado do machismo e heteronormatividade da época, o autor dá passos largos ao apontar que “uma medida muito considerável de homossexualismo latente ou inconsciente pode ser detectada em todas as pessoas normais” (Freud, 1920, p. 109), assim como nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em uma nota acrescentada em 1915, afirma que todas as pessoas são capazes de uma escolha homossexual de objeto, que é feita no inconsciente (Freud, 1915) e que a libido oscila normalmente entre objetos masculinos e femininos (Freud, 1920). No caso das personagens, é possível observar essa oscilação em Lenu, ao reafirmar sua paixão por Nino, sem deixar de lado em nenhum momento sua atração por Lila, e tal como no caso discutido por Freud em

1920, sua teoria era de que a mulher amada por sua paciente era uma substituta da mãe, como forma de compensar a hostilidade que sentia para com esta.

Disto segue uma definição canônica da homossexualidade feminina, descrita por Roudinesco, como uma fixação infantil na mãe e de uma decepção com respeito ao pai (2013). E uma vez que Freud postulou que no ser humano, a pulsão sexual não tem objetivo fixo, ou seja, não está atrelada ao instinto, e seu objeto é plural e parcial (1905), conclui-se que sexualidade é perversa, dissociada dos órgãos sexuais e que tanto a homossexualidade como a heterossexualidade são destinos pulsionais ligados a resoluções edípicas (Ceccarelli, 2013). A escolha sexual, implica, portanto, fazer o sujeito responsável por seu gozo (Quinet, 2013), assim como Lacan apontou, "o que importa fundamentalmente não é a anatomia, mas sim as modalidades do gozo" (1959/60, p. 105) e ainda, Zupančič afirmou que a sexualidade é um "desvio enigmático-paradoxal (*paradox-ridden*) de uma norma que não existe" (2008, p. 3).

Por fim, Freud (1905/2017) defende uma bissexualidade inata, inicial em todos os seres humanos, que normalmente se desenlaça na fase edípica ou provoca a "inversão sexual", isto é, a homossexualidade. No ensaio supracitado de 1920, o autor propõe restaurar na paciente suas "funções bissexuais plenas" (Freud, 1920), sugerindo a existência de impulsos heterossexuais atrofiados ou reprimidos, embora não insista nessa possibilidade no decorrer do processo analítico, pois não havia encontrado nenhuma queixa, neurose, ou sintomas histéricos na paciente (Freud, 1920).

Notadamente, o recorte cronológico deste volume acompanha a infância e adolescência das personagens, sendo esta última, uma fase de desenvolvimento marcada por processos fisiológicos que pode se configurar nos termos de uma "puberdade catástrofe" (Cottet, 1999), em partes por se tratar de um período de drásticas mudanças na aparência, anseios físicos, novas capacidades cognitivas e desenvolvimento do senso de identidade (Papalia; Olds; Feldman, 2006). Trata-se de um período definido pelo narcisismo, pois a criança deve ser o objeto do narcisismo dos pais, caso contrário, ela se torna objeto de gozo, isto é, acaba se tornando objeto do desejo do Outro, no formato de submissão, que gera um tipo de sadomasoquismo transitório, no qual "o sujeito reencontra o gozo passivo da criança-objeto" (Nominé, 2001, p. 43).

As questões da adolescência também são marcadas por um longo trabalho de elaboração de escolhas e um longo trabalho de elaboração da falta no Outro (Alberti, 2004). Ademais, ocorre o encontro com o real, impossível de ser suportado, provocando uma crise típica desse momento, que designa o encontro com o sexo, que é sempre traumático (Pollo;

Costa, 2013), pois a sexualidade, antes de fazer sentido, fura o real “e esse encontro é muito mais um desencontro do que uma tendência à harmonização” (Alberti, 2009, p. 124).

Essa conjuntura parece indicar que o desejo de Lenu é possuir o desejo de Lila, no sentido descrito por Lacan no *Seminário 10*, “o desejo do homem é o desejo do Outro” (1962-1963/2005, p. 223), que no fundo significa ser reconhecido e obter o olhar desejante do outro para si, pois para Lacan, “o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro” (1953/1998, p. 268). Para Lacan, o desejo é sempre expressão de uma falta, no mesmo sentido que afirma Sócrates no diálogo *O Banquete*, que “só podemos desejar o que não temos” (1991, p. 31).

Isto posto, Lacan (1996) vai afirmar que o objeto da psicanálise não é o homem, mas aquilo que lhe falta e uma das tarefas clínicas fundamentais é levar o paciente a encontrar com a verdade do seu desejo. O desejo, por sua vez, é articulação simbólica com o real, isto quer dizer que é estruturado pela linguagem, da qual é indissociável, porém não se inscreve todo nela, atingindo então o domínio do real, do indizível, do impossível. Nesse contexto, Lacan amplia os conceitos freudianos de desejo, *Wunsch* (desejo inconsciente, que se realiza no sonho) e *Trieb* (ligado à pulsão), para o *Begierde* hegeliano (Roudinesco; Plon, 1998), que difere da necessidade e da demanda e define sua estrutura pela via da poesia; enquanto o sintoma é metáfora, o desejo é metonímia (Lacan, 1958).

Traduzindo para a narrativa, Lenu se interroga qual seria o desejo de Lila, para que possa se tornar o objeto desse desejo, ou para que possa ser o desejo desse desejo? (Taffarel, 2019), e assim, “na medida em que requisita do Outro uma resposta, o homem faz do seu desejo o desejo dessa alteridade a quem ele se endereça” (Nunes, 2015). Nesse momento, a criança se interroga o que é ser homem ou mulher e surge o embaraço em relação à identidade sexual e as experimentações com parceiros do próprio sexo são frequentes, em especial, entre as meninas (Lima *et al.*, 2016). Nesse período de reedição do Édipo e passagem do autoerotismo para a escolha objetal (Freud, 1905), “a identificação permite certo apaziguamento da angústia diante do confronto com a impossibilidade simbólica na puberdade” (Lima *et al.*, 2016), pois segundo Lacan (1961-62), nenhuma identificação, e sobretudo o feminino, pode ser simbolizada. No mesmo sentido Foucault (1982/2004) defende que a identidade, apesar de ser muito útil politicamente, nos limita e vai dizer que a sexualidade faz parte da conduta humana e da liberdade em nosso usufruto deste mundo (Foucault, 2004), embora nesse contexto, Freud (1920) se espanta ao observar que os seres humanos podem atravessar momentos tão grandes e importantes de sua vida erótica sem notá-

los muito, no mesmo sentido que Agamben (2009) postula que todos os tempos são obscuros para aqueles que estão inseridos neles.

Como apontou Quinet, "Ser macho ou fêmea é da ordem do real já dado. Ser homem ou mulher, é uma escolha de gozo" (2013, p. 91), o real do corpo é, portanto, incontornável, mas esses signos sexuais, devido à desnaturalização provocada pela entrada na linguagem, não são garantias de nada em relação à sexualidade (Quinet, 2013). De se observar que a narrativa é construída em torno do relacionamento das personagens que se configura como uma forma de amizade, nos termos de Foucault (1981/2004), "uma relação social no interior da qual os indivíduos dispõem de uma certa liberdade, de uma certa forma de escolha (limitada, claramente), que lhes permitia também viver relações afetivas muito intensas". Tal relação faz eco daquele amor descrito por Aristóteles (1973) em *Ética a Nicômaco*, como amor *Philia* (φιλία), no qual o amigo é "um outro eu", que também pressupõe Eros, o amor por excelência narrado por Platão no diálogo supracitado, que se trata de um *daimon*, um desejo, uma força interior, que busca aquilo que é eterno, absoluto, imutável (Platão, 1991).

Como corolário, a narrativa de Ferrante aborda o homoerotismo de forma quase subliminar, nas entrelinhas, sem deixar de ser real, indo ao encontro da percepção de Foucault (1982/2004) que não acredita que a melhor forma de criação literária que pode atingir aos homossexuais sejam propriamente os romances homossexuais, tal como aventou Caio Fernando, numa entrevista, "Acho que literatura é literatura. Ela não é masculina, feminina ou gay" (Bessa, 1997, p. 12), essa ordem do discurso apenas provê os modos com os quais o indivíduo pode se subjetivar ante a escrita, que por sua vez dá corpo a algo que define como sexualidade (Souza, 2006), sem necessidade de identificar-se, pois além de limitante, a identidade opera como função-ficção (Porchat, 2019).

### **Considerações Finais**

As obras de Elena Ferrante se tornaram fenômeno mundial, ganhando diversas adaptações cinematográficas, como séries e filmes, sendo que apenas a tetralogia *Amiga Genial* vendeu mais de 30 milhões de exemplares pelo mundo (El País, 2019). Enquanto o diretor da série, Saverio Costanzo, que trouxe a referida obra para esse formato, afirma que os livros de Ferrante falam sobre o poder da educação, uma ideia mais política e provocadora dentro de uma história de amizade e sentimentos (El País, 2019), o enfoque deste estudo é outro.

O objetivo da pesquisa foi investigar o que a obra traz de componente homoerótico no que tange a memória da infância e adolescência das personagens no contexto italiano da década de 1950, servindo-se desta para evidenciar a relação de imanência entre análise e literatura (Rouanet, 1996). De se observar que as práticas de escritas propiciam modos subjetivos de ser através de identidades, que embora limitadas, tornam possível sua constituição em discurso, ou seja, trata-se do esforço de ligar discursivamente um campo de experiências de corpos que se afetam, a um modo próprio de se subjetivar (Souza, 2006).

Nesse sentido, o período vivido pelas personagens traz diversas rupturas, produzindo angústia e colocando o sujeito diante do impasse da relação sexual que não existe, atualizando o problema da identidade e emergindo uma nova forma de gozo que escapa ao sentido (Quinet, 2013). Disto segue que no cerne da sexualidade humana existe uma falta de objeto, que Freud chamou de objeto perdido, ou "a coisa" (*das Ding*) e Lacan chamou de objeto *a*, que está no centro da busca desejante do sujeito (Jorge, 2013). Este objeto é por definição, impreciso e diversificado, por isso Freud despatologiza a perversão e a considera a essência da sexualidade humana, introduzindo a ideia de que a pulsão ou tendência homossexual é um componente libidinal de todo ser humano, e que é mais importante enfatizar a diversidade sexual do que a nomeação dos indivíduos a partir de seus parceiros sexuais (Quinet, 2013).

Por fim, ao figurar na obra essa temática, aludida metaforicamente como "o amor que não ousa dizer seu nome" (Douglas, 1892), isto é, o homoerotismo, vinculam-se forças estranhas e familiares, como é o caso da *smargiatura*, de Ferrante, ou o *unheimliche* de Freud, palavras antitéticas que concentram sentidos opostos em um único significante (Secches, 2019) para descrever uma experiência que escapa à linguagem, embora se refira a esse Outro que atravessa a todos. Logo, a psicanálise aponta que no inconsciente, não existe a inscrição psíquica da diferença sexual (Ceccarelli, 2013), assim como Lacan afirma que "a mulher não existe" (1972-1973/ 2008), e que o feminino não existe e é impossível de ser simbolizado, conclui-se que existe uma disjunção entre real e simbólico de modo que as identificações sexuais são infinitas, assim como o são as práticas discursivas (Lima *et al*, 2016).

## Referências

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.

AIRES, S. Atos falhos: interpretação e significação. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 24-37, jul. 2017. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302017000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 mai. 2023.

AIRES, S. Prefácio. In: COSSI, R. K. *Faces do Sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente*. São Paulo: Aller, 2019, p. 7-12.

ALBERTI, S. Sobre o lugar de Goethe no texto freudiano. In: RINALDI, D.; COSTA, A. (orgs.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007, p. 15-24.

ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa, 2009.

ANDRADE, C. D. A rosa do povo. In: ANDRADE, C. D. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964 (1943-1945), p. 135-217.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Vicenzo Cocco. 1 Ed. São Paulo: Editora Abril, 1973.

BESSA, M. S. “Quero brincar livre nos campos do Senhor: uma entrevista com Caio Fernando Abreu”. *Palavra*. n. 4, Depto. de Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro: Grypho, 1997, p. 7-15.

BRUNETTO, A. *Sobre amores e exílios: Na fronteira da psicanálise com a literatura*. São Paulo: Escuta. 1<sup>a</sup> ed. mai. 2013.

CASSIRER, E. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

CASTRO, J. C. L. de. O inconsciente como linguagem: de Freud a Lacan. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 7. n.1, julho, 2009. doi: <https://doi.org/10.21709/casa.v7i1.1773>.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. In: QUINET, A.; JORGE, M. A. C. (orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013, p. 153-170.

CIRNE, S. Sobre uma intensidade queer na série napolitana de Elena Ferrante. *Medium*. 13 mai. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@effycirne/sobre-uma-intensidade-queer-na-s%C3%A9rie-napolitana-de-elena-ferrante-7b42d80117b8>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

COTTET, S. Puberdade catástrofe. *Estudos clínicos*. Transcrição 4. Publicação da Clínica Freudiana. Salvador: Fator, 1988.

DOUGLAS, A. Two Lovers. *The Chameleon*. Oxford, dezembro, 1894 (1892).

FERRANTE, E. ‘I felt different as a child. I was nearly mute’: Elena Ferrante in conversation with Elizabeth Strout. *The Guardian*. 05 de mar. 2022. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2022/mar/05/i-felt-different-as-a-child-i-was-nearly-mute-elena-ferrante-in-conversation-with-elizabeth-strout>>. Acesso em 28 abr. 2023.

FERRANTE, E. *A Amiga Genial*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015 (Original publicado em 2011).

FOUCAULT, M. “Une interview: sexe, pouvoir et la politique de la identité”. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; trad. F. Durant-Bogaert). *The advocate*, n. 400, 7 de ago. de 1984, pp. 26-30 e 58, 2004.

FOUCAULT, M. Sete proposições sobre o sétimo anjo. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos III: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (Inês Autran Dourado Barbosa, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREUD, S. (1905). A interpretação dos sonhos In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Vol. IV e V, Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Vol. VIII, Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1905[1904]). Sobre a psicoterapia. In: FREUD, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud*, S. Vol. VI, São Paulo: Autêntica, 2017, pp. 63-79.

FREUD, S. (1906–1908). “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 2006 (1970), p. 107–117.

FREUD, S. (1913). Totem e tabu In: FREUD, S. *Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914). Vol. XI, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1913). O interesse científico da psicanálise. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 195-226.

FREUD, S. (1916-1917). *Obras completas: Conferências introdutórias à psicanálise* (Sergio Tellaroli, Trad.). Vol. XIII, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1919). *O infamiliar / Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia*. Trad. Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, S. (1926). A questão da análise leiga. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 278.

FREUD, S. (1930). Discurso na casa de Goethe em Frankfurt. In: FREUD, S., *Sigmund Freud Obras Completas* (P. C. Souza, vol. 18, pp. 359). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



FREUD, S. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *ESB*, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1970).

GONÇALVES, V. A.; LOBATO, M. A. O Inquietante Freudiano em "A amiga Genial, de Elena Ferrante. *Revista Desenredo*, v. 18, n. 1, 11 jul 2022.  
doi: <https://doi.org/10.5335/rdes.v18i1.13111>.

JORGE, M. A. C. De Freud a Lacan: do objeto perdido ao objeto *a*. In: QUINET, A.; JORGE, M. A. C. (orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013, p. 107-118.

LACAN, J. *Le séminaire, livre VI: le désir et son interpretation*. Association Freudienne Internationale (publication hors commerce), 1958-1959.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008 (1959-1960).

LACAN, J. *O seminário, livro 14: a lógica do fantasma*. Publicação não comercial exclusiva para membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife: Recife, 1966-1967.

LACAN, J. O aturdido. In: LACAN, J. *Outros escritos* (pp. 449-497). Rio de Janeiro: Zahar, 1973/2003.

LACAN, J. *Encore. Séminaire Livre XX (1972-1976)*. Paris: SEUIL, 1975.

LACAN, J. *Le séminaire, livre III: les psychoses*. Paris: Seuil, 1981.

LACAN, J. *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1985 (Trabalho original publicado em 1964).

LACAN, J. *O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud* (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, B. Milan, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1986 (Trabalho original publicado em 1953-1954)

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998 (Trabalho original publicado em 1953)

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, J. *Escritos*. (pp. 807-842). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998 (Trabalho original publicado em 1960)

LACAN, J. *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, J. Discurso de Roma. In: LACAN, J. *Outros escritos* (pp. 139-171). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003 (Trabalho original publicado em 1953).

LACAN, J. *O seminário: livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2005 (Trabalho original publicado em 1962-63).

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (Trabalho original publicado em 1972/1973).

LACAN, J. *O seminário, livro 9: a identificação*. Inédito. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003 (1961-1962).

LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (1972-1973).

LIMA, N. L. de *et al.* A eliminação das diferenças entre os sexos: uma leitura psicanalítica. *Psicologia em Revista* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 447-468, ago. 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682016000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682016000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 maio 2023>. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P447>>.

LLOSA, M. V. A literatura e a vida. In: LLOSA, M. V. *A verdade das mentiras*. São Paulo: ARX, 2004, p. 387.

MELO, A. de. Por que gostamos de Elena Ferrante? *Revista Cult UOL*. 22 junho 2022. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/por-que-gostamos-de-elena-ferrante/>>. Acesso em 05 mai 2023.

NOMINÉ, B. A adolescência ou a queda do anjo. In: *Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Da infância à adolescência*. *Revista Marraio*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001, p. 35-44.

NUNES, T. R. Lacan e a negatividade do desejo. *Psicologia USP*, v. 26, n. 3, p. 423-429, set. 2015.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PESSOA, F. *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PLATÃO. *Banquete, Fédon, Sofista e Político*. [Tradução José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa]. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

POLLO, V.; COSTA, R. de S. Entre o Direito e a Psicanálise: o abuso e a brincadeira sexual. *Psicanálise & Barroco em revista*. v.11, n.1. p. 17-42, jul. 2013.

PORCHAT, Patricia. O gênero do espelho: verdades e ficções da identidade. In: COSSI, R. K. *Faces do Sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente*. São Paulo: Aller, 2019, 79-98.

QUINET, A. (2013). Homossexualidades em Freud. In: QUINET, A.; JORGE, M. A. C. (orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013, p. 89-106.

ROUANET, S. P. Mefistófeles no divã: as relações entre Freud e Goethe. In: PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, L. E. C. (orgs.). *Psicanálise Hoje: uma revolução do olhar*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p. 535-566.

ROUDINESCO, E. A Psicanálise à prova da homossexualidade. *In*: QUINET, A; JORGE, M. A. C. (orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013, p. 107-118.

ROUDINESCO, E. PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SECCHES, F. V. do A. *Uma longa experiência de ausência: a ambivalência em 'A amiga genial' de Elena Ferrante*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-09092019-120933/>>. Acesso em: 01 maio 2023.

SOUZA, P. de. A escrita homoerótica: bordas de um modo de subjetivação. *In*: MARIANI, B (org.). *A escrita e os escritos: Reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 71-80.

TAFFAREL, M. O desejo segundo Jacques Lacan. *Blog de Psicanálise*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. 20 de fevereiro 2019. Disponível em: <<https://www.sbpsp.org.br/blog/o-desejo-segundo-jacques-lacan/>>. Acesso em 16 abr. 2023.

TAUSK, V. De la genèse de “l’appareil à influencer” au cours de la schizo phrénie. *In*: TAUSK, V. *Oeuvres Psychanalytiques*. (Trad. J. Laplanche e V. N. Smirnoff). Paris: Payot, 1976/1919, p. 202-203.

THOMAZ, T. O. Sobre o discurso e sua fonte: o símbolo como mediação necessária. *In*: PELLANDA, N. M. C., PELLANDA, L. E. C. (orgs.). *Psicanálise Hoje: uma revolução do olhar*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p. 369-382.

VERDÚ, D. O mistério de Elena Ferrante continua fascinando a Itália. *EL PAÍS*. 06 de novembro 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/06/cultura/1573046745\\_374458.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/06/cultura/1573046745_374458.html)>. Acesso em 21 abr. 2023.

WINNICOTT, D. W. *Pensando sobre crianças*. (Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese; pp. 31-37). Porto Alegre, RS: Artmed, 1977. (Trabalho original publicado em 1945).

ZUPANČIČ, A. Sexualidade e ontologia. *Revista Estudos Lacanianos*, 2008, vol. 1, no. 2, p. 3.